

***Sinal fechado*: análise musical e contextual da canção de Paulinho da Viola**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA-4. Música Popular

Eduardo Seabra

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

mr.eduardoseabra@gmail.com

Resumo. O presente trabalho destrincha a canção *Sinal Fechado*, de Paulinho da Viola, a partir da transcrição e análise de seu fonograma original. A pesquisa destaca o contexto histórico e social em que a música foi composta e inscrita no V Festival da Canção da Record, do qual foi vencedora, em 1969, durante o período da Ditadura Militar no Brasil. A análise musical aborda os conceitos de figurativização de Luiz Tatit na prosódia da música, além de seu fraseado melódico baseado nos ritmos da fala dos personagens. Também são analisadas as características harmônicas não convencionais da canção, assim como sua instrumentação, marcada pelo acompanhamento arpejado do violão de Paulinho e arranjo de cordas por Lindolfo Gaya.

Palavras-chave. Sinal Fechado; Paulinho da Viola; Festival da Canção

***Sinal Fechado*: Musical and Contextual Analysis of Paulinho da Viola's Song**

Abstract. This paper unravels the song *Sinal Fechado*, by Paulinho da Viola, based on the transcription and analysis of its original phonogram. The text highlights the historical and social context in which the song was composed and entered in the V Festival da Canção da Record, which it won, in 1969, during the Military Dictatorship in Brazil. The musical analysis addresses Luiz Tatit's *figurativization* concepts in the music's prosody, in addition to its melodic phrasing based on the characters' speech rhythms. The unconventional harmonic characteristics of the song are also analyzed, as well as its instrumentation, marked by the arpeggiated accompaniment of Paulinho's guitar and string arrangement by Lindolfo Gaya.

Keywords. Sinal Fechado; Paulinho da Viola; Festival da Canção

1. História do fonograma

Sinal Fechado é uma canção que chama atenção por seu estilo, visto que a música, diferentemente do que se esperaria de seu autor, Paulinho da Viola, não é um samba ou nem mesmo um choro. Contudo, em diversas entrevistas, Paulinho afirma que *Sinal Fechado* foi, pelo menos inicialmente, concebida como um samba-canção (MÁXIMO, 2002; COUTINHO, 2011), mas foi modificada na busca de um efeito expressivo: "Queria uma coisa mais áspera e, para isso, fiz uma sequência de acordes com certa dissonância, algumas inversões, usando o violão e fazendo arpejos - acordes pouco usados no meu trabalho" (VIOLA, 2010). Em

entrevista para João Máximo, ele detalha um aspecto relevante da harmonia: “fiz uso de melodias simples, de harmonias simples, onde acrescentei a todos os acordes uma segunda menor, buscando o clima angustiante vivido pelos personagens” (MÁXIMO, p.87). Paulinho admite que sua decisão de transformar a música foi em parte motivada pelo interesse de inscrever a canção em um festival (Canal Brasil, 2020).

Para fazer os acordes dissonantes arpejados de violão da música, Paulinho conta que se inspirou nos 12 Estudos para violão de Heitor Villa-Lobos, compostos nos anos 1920, que ele afirma terem um “clima impressionista” (COUTINHO, 2002). Foi possivelmente no Instituto Villa-Lobos que Paulinho teve um contato maior com a obra violonística do compositor erudito, cujos estudos o sambista chegou a exercitar no violão (MÁXIMO, 2002). Paulinho matriculou-se no instituto em 1968, após ter sido convidado por Mílton Miranda, executivo do selo Odeon, a gravar seu primeiro disco solo pela gravadora no mesmo ano. Decidido a estudar música formalmente, teve aulas de teoria e harmonia com Esther Scliar e foi também aluno do então diretor da instituição, Reginaldo Carvalho (MÁXIMO, 2002).

Paulinho da Viola defendeu *Sinal Fechado* no V Festival da Record em dezembro de 1969, acompanhado de uma orquestra de cordas regida pelo arranjador da faixa, Lindolfo Gaya. Aquele foi o primeiro Festival da Canção ocorrido depois do decreto do AI-5, no ano anterior e, portanto, não contou com três dos nomes mais famosos das edições anteriores, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que estavam exilados na Europa durante a competição. A edição ficou conhecida pela proibição da guitarra elétrica nas apresentações (MELLO, 2003). *Sinal Fechado* foi a canção vencedora do festival, o que fez com que os executivos do selo Odeon decidissem antecipar o lançamento da faixa no compacto duplo *Paulinho da Viola*, junto com *Foi um Rio que Passou em Minha Vida*, *Ruas que Sonhei* e *Nada de Novo* (MÁXIMO, 2002). Apesar de a música ter nome de destaque no encarte do disco, a faixa mais repercutida das quatro foi o samba *Foi um Rio que Passou em Minha Vida* (VANNUCHI, 2019), uma composição mais tradicional.

Para Eduardo Granja Coutinho, a vitória de *Sinal Fechado* representou uma mudança de paradigmas na cultura dos festivais, visto que a música estava à parte do confronto entre os “tradicionalistas” da MPB e dos “vanguardistas” do Tropicalismo:

A preocupação de Paulinho da Viola era a de que associassem sua imagem ao “culto ao novo” ou, por outro lado, ao “culto à tradição”, difundidos na vida cultural brasileira. Preocupação motivada pela extraordinária pressão de “vanguardistas” e “tradicionalistas” que se exercia sobre ele nesse momento em que, ao vencer com “Sinal fechado” o V Festival de Música Popular Brasileira da TV Record (1969), consagrava-se como um dos mais

importantes compositores populares do Brasil. Aceitando a transformação da tradição, mas recusando o "culto ao novo" e, ao mesmo tempo, percebendo uma dimensão política da música popular, mas questionando o dogmatismo e o populismo que marcaram as canções de protesto, Paulinho da Viola realizou através de "Sinal fechado" uma espécie de superação dialética da MPB dos festivais da canção (COUTINHO, 2002).

Em entrevistas, Paulinho da Viola fala sobre dois eventos distintos que serviram de inspiração para a música. Um deles seria o fato rotineiro presenciado pelo sambista de encontrar conhecidos que afirmavam precisar "conversar com ele" (VANNUCHI, 2019) ou tratar de "assuntos importantes" (MELLO, 2002), mas que nunca de fato comunicavam o que queriam dizer. Outro evento que o compositor frequentemente cita em entrevistas como inspiração para a canção é um sonho, ou visão, que experienciou: no episódio, encontrava-se em um ônibus lotado, no qual também estava um conhecido com o qual não conseguia se comunicar (MELLO, 2002; VIOLA, 2010). Em depoimento para a série documental *Noites de Festival* (2020), ele relembra a ocorrência da seguinte forma:

Eu estava dentro de um ônibus que eu pegava pelo Flamengo. Deve ter sido um sonho ou uma visão, sei lá. Eu olhava e o ônibus estava cheio e na frente tinha uma pessoa com quem eu queria falar e não conseguia, pois o ônibus estava lotado, e ela ficava acenando para mim. Mas quando chegou ali no Monumento dos Pracinhas – tenho certeza de que foi ali – essa pessoa descia do ônibus e, com o ônibus cheio, ela ficava acenando para mim, eu acenando de volta e não conseguia falar. [...] Era um período muito duro que a gente estava vivendo, as pessoas com muito medo, você encontrava algum conhecido na rua, alguém que você sabia que pensava como você e tudo, e você quase não falava (Canal Brasil, 2020).

Para Eduardo Granja Coutinho, *Sinal Fechado* demonstra a influência, mesmo que indireta, do tropicalismo sobre a obra de Paulinho da Viola, não em quesitos formais, mas em termos de "liberdade estética" (COUTINHO, 2012). Paulinho teve grande convivência com os tropicalistas e era visto com bons olhos entre os participantes do movimento, fato que podemos averiguar em diversos depoimentos da época por Caetano Veloso, Torquato Neto e Augusto de Campos (idem). Mesmo não fazendo parte do grupo, Paulinho chegou a participar de alguns dos primeiros encontros da Tropicália, organizados por Gilberto Gil. O sambista chegou a ser vizinho de porta do apartamento de Caetano no Solar Santa Teresinha, conhecido como Solar da Fossa, casarão colonial no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro que foi residência de diversos músicos e artistas locais na década de 1960 (CALLADO, 1997).

Devido à proximidade, Caetano conta que Paulinho foi provavelmente a primeira pessoa a ouvir sua música *Paisagem Útil*, uma das primeiras que compôs no estilo tropicalista, em 1967 (CALLADO, 1997). Em torno da mesma época, Veloso também chegou a referenciar

o sambista de forma positiva no samba *A Voz do morto*, composto para a cantora Aracy de Almeida, no qual o compositor critica o discurso tradicionalista por trás das iniciativas de preservação do samba "autêntico" (COUTINHO, 2012). Tais fatos demonstram como Paulinho da Viola, mesmo visto como um herdeiro da tradição musical do samba e do choro cariocas, estava ciente das discussões artísticas propostas pelas vanguardas da música popular e não estava fechado para as novas ideias que circulavam na época.

Sinal Fechado foi famosamente regravada por Chico Buarque em 1974, em um álbum homônimo à faixa. De acordo com Paulinho, o sucesso desta regravação fez com que muitos pensassem que a música havia sido composta por Buarque (VANNUCHI, 2019). Lançado em um momento particularmente tenso da ditadura, ao final dos chamados Anos de Chumbo, o disco foi interpretado por alguns como uma espécie de manifesto de Buarque diante da censura (PEREIRA, 2018). Nesse contexto, a canção de Paulinho da Viola ganhava novas interpretações diante da falta de comunicação experienciada entre os dois personagens da letra, que Pereira (2018) entende como uma analogia sobre autocensura. Na mira dos censores devido às suas letras engajadas, em *Sinal Fechado*, Chico opta por regravar canções de outros autores ao invés de suas próprias – com a exceção de algumas músicas suas que foram inclusas no álbum com a autoria registrada sob os pseudônimos Julinho de Adelaide e Leonel Paiva (idem). Nesse contexto, o título do álbum, tirado diretamente da canção de Paulinho da Viola, pode ser compreendido como uma referência não somente ao sinal vermelho de trânsito, indicando uma parada obrigatória, como também um sinal de alerta sobre o "fechamento" da democracia e o cerceamento da liberdade na vida social.

Apesar de *Sinal Fechado* ser costumeiramente compreendida como uma música sobre a falta de comunicação entre as pessoas durante a vivência na Ditadura Militar de 1964, Paulinho da Viola afirma que não costumava compor músicas engajadas ou politicamente reivindicativas, como em entrevista de 2016 para o jornal El País Brasil:

Eu só tive uma música censurada e isso que era uma época que eu tinha um envolvimento político maior. Mas meu trabalho não era reivindicativo. Eu achava que já tinha muita gente fazendo isso, e algumas pessoas não faziam bem. Algumas músicas eram mais panfletos do que arte. E panfleto não é arte. (VIOLA, 2016)

2. Análise da letra

De forma incomum na canção popular, *Sinal Fechado* utiliza versos brancos – isto é, sem rimas –, e livres – ou seja, sem métrica regular. A letra da canção pode ser analisada como uma espécie de poema narrativo pelas definições de Tavares (2005). Canções narrativas, com

certo aspecto de crônica, são comuns na obra de Paulinho da Viola, como nos sambas *Coisas do mundo, minha nêga, Comprimido* e *O Velório do Heitor*. A grande diferença da letra de *Sinal Fechado* para as demais é que a forma com a qual sua história é contada ocorre através do diálogo, sem a presença de um narrador, de maneira semelhante a uma novela de rádio. Paulinho fornece somente as informações essenciais para a compreensão da narrativa e deixa o contexto suficientemente vago para o ouvinte preencher as lacunas e tirar suas próprias conclusões acerca do restante do episódio. Não sabemos o nome dos dois falantes, seu gênero, seus empregos, onde moram, nem onde nem quando exatamente a história se passa. Logo, o texto é suficientemente vago para que a narrativa seja universal e sujeita a diferentes interpretações.

Conseguimos a partir das falas dos personagens deduzir apenas algumas coisas com um maior grau de certeza: em primeiro lugar, sabemos que a história se passa no trânsito, em alguma circunstância na qual os dois personagens se encontram e conseguem conversar apenas pelo breve momento em que o sinal está vermelho. Em segundo lugar, podemos inferir pelo diálogo que os dois falantes se conhecem do passado, porém não se encontram regularmente há um período de tempo considerável. Sabemos também que o sinal está prestes a abrir ao final da música.

Na versão original da canção, Paulinho canta as partes dos dois personagens e não há sempre uma distinção clara entre as vozes dos falantes. O texto é difuso e parece reforçar a ideia de que não é tão importante saber qual dos dois personagens está dizendo o que em cada momento. Semanticamente, as falas do diálogo são praticamente intercambiáveis entre os falantes e a comunicação entre os dois nos fornece pouca informação sobre o contexto social ou suas histórias pessoais, o que colabora com interpretação de João Máximo de que o diálogo da canção seria na verdade “dois monólogos num só, dois solitários seguindo a vida” (MÁXIMO, p.87). A interação no encontro é marcada pelo uso da linguagem fática e de clichês da fala cotidiana, como “quanto tempo”, “a pressa é a alma dos negócios”, “eu também só ando a cem”, entre outras expressões corriqueiras. Jerônimo (2010) interpreta a recorrência dos clichês como uma forma de os personagens ocultarem sua individualidade:

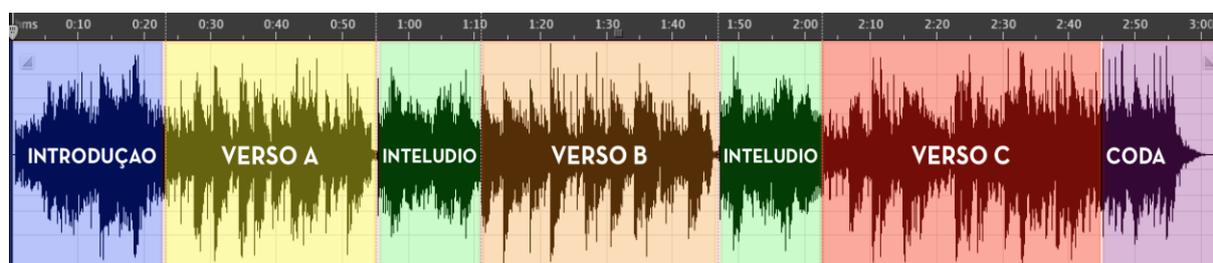
Os interlocutores apropriam-se da voz dos outros em seu discurso quando utilizam o clichê. Esse é um dado polifônico do texto. Talvez utilizem outras vozes por não terem a intenção real de se encontrarem, por isso são tão impessoais, eximindo-se da responsabilidade do que dizem. Sintaticamente, é importante ressaltar o uso da conjunção adversativa mas em dois momentos do texto: “Tanta coisa eu tinha a dizer/ mas eu sumi na poeira das ruas”; “Eu também tenho algo a dizer/ mas me foge a lembrança”. Sempre que a originalidade, o pensamento singular do personagem precisa aparecer, surge

a adversativa negando a própria fala, o que o faz com que ambos se apropriem da fala comum (JERÔNIMO, 2010, p. 30).

3. Análise musical

Sinal Fechado tem a tonalidade de Mi menor e fórmula de compasso binária. A melodia da música transita no espaço entre Dó# 2 e Mi 3. A música não apresenta uma estrutura convencional de canção popular, o que contribui com o rótulo de vanguardista com o qual foi taxada ao longo dos anos. Podemos dividir a canção em 7 segmentos (Figura 1), marcados, a partir do fonograma da gravação original de 1969, como: Introdução (00:00 – 00:23), Verso A (00:23 – 00:55), Interlúdio (00:55 – 01:10), Verso B (01:10 – 01:46), Interlúdio (01:46 – 2:02), Verso C (02:02 – 02:44) e Coda (02:44 – 3:03).

Figura 1 – Separação da forma de onda do fonograma em diferentes subseções



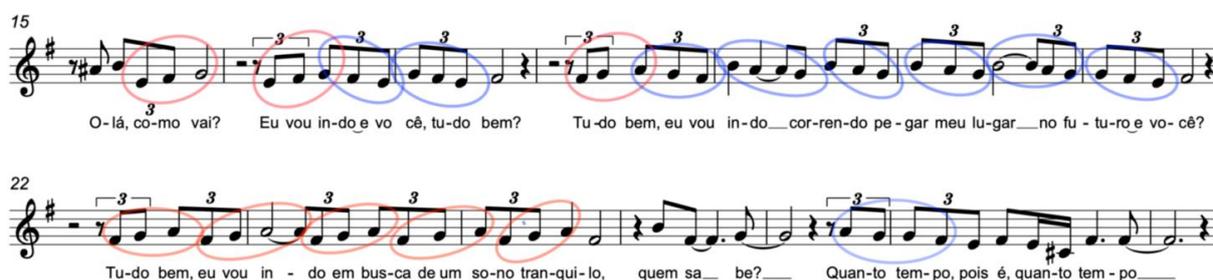
Fonte: Imagem pelo autor

Em seu livro *O Cancionista: Composição de Canções no Brasil*, Luiz Tatit cita *Sinal Fechado* como um exemplo de canção-diálogo, ao lado de *Eu Dei, Teresa da Praia* e *Ele Me Deu um Beijo na Boca*, em um trecho do texto no qual elabora sobre a "figurativização" na canção popular, o processo de casar o perfil e acentos de uma melodia com a entoação da fala coloquial (TATIT, 2012). *Sinal Fechado* não possui um refrão e seus versos variam de tamanho sem seguir uma fórmula, de modo que a melodia quase nunca se repete. Isso acontece justamente pois a melodia segue o ritmo da fala dos personagens na história. Tal irregularidade pode ser facilmente observada com a medição da música em compassos: enquanto o Verso A dura 15 compassos, o Verso B dura 18, e o verso C, 20.

Uma das marcas do predomínio da figurativização temática na melodia da canção é o uso de graus conjuntos, com apenas pequenos saltos e pouca ocorrência de notas sustentadas. Se analisarmos os tonemas, isto é, a inflexão da entoação na qual se finalizam as frases musicais da canção, como feito nos estudos de Tatit (2012), podemos observar que há raros momentos de terminação assertiva em *Sinal Fechado*. A maior parte das terminações dos versos são de

inspiração a Villa-Lobos), a harmonia de *Sinal Fechado* utiliza notas de tensão como efeito de colorido e expressividade, sem funções harmônicas claras. Do mesmo modo, a progressão dos acordes também não demonstra encadeamentos para cadências óbvias e mantém um caráter de estaticidade. A harmonia contribui, portanto, para o estabelecimento de um tempo em suspensão, de modo a reforçar a dramaticidade daquilo que não é dito pelos personagens na conversa narrada na letra. O arranjo da canção não simula a rapidez do cenário urbano, mas ambienta o estado psicológico, a ansiedade e a melancolia do encontro.

Figura 3 – Ocorrência do motivo no Verso A



15
O-lá, co-mo vai? Eu vou in-do e vo cê, tu-do bem? Tu-do bem, eu vou in-do... cor-ren-do pe-gar meu lu-gar... no fu-tu-ro e vo-cê?

22
Tu-do bem, eu vou in-do em bus-ca de um so-no tran-qui-lo, quem sa-be? Quan-to tem-po, pois é, quan-to tem-po

Fonte: Imagem pelo autor

Praticamente todos os acordes de *Sinal Fechado* apresentam notas de tensão. Durante quase toda a extensão da música, Paulinho utiliza no violão o efeito da primeira corda solta, Mi 3, soando junto da segunda corda presa, batendo intervalos dissonantes – em especial o de 2ª menor. A música abre com um acorde arpejado no violão que pode ser transcrito como Em(add9)/B (Figura 4). A forma como este acorde é tocado já estabelece o batimento de 2ªs menores entre as cordas do violão, que acontece, nesse caso, entre o Fá# tocado na 3ª corda (9ª do acorde) e o Sol tocado na 2ª corda (3ª menor do acorde). A disposição do dedilhado neste arpejo se mantém durante praticamente todos os versos da canção. O Mi 3 que aparece no tempo 1.2, tocado na 1ª corda solta, funciona como uma nota pedal, ou um contínuo, que segue presente durante toda a extensão da música, com raras e breves exceções (Figura 5).

O acorde inicial do Verso A, Em(#11), é recorrente na música e funciona como uma espécie de "chão" para o qual a harmonia sempre volta. Este acorde estabelece outra característica marcante e recorrente da harmonia da canção: o intervalo de trítono, que ocorre, no caso em questão, entre Mi 2 e Lá# 2. No *voicing* escolhido por Paulinho, a 5ª do acorde não é suprimida e nem mesmo afastada da 4ª aumentada, que o sambista deixa soar durante o arpejo, de modo a introduzir novamente o intervalo de 2ª menor já sinalizado no acorde introdutório

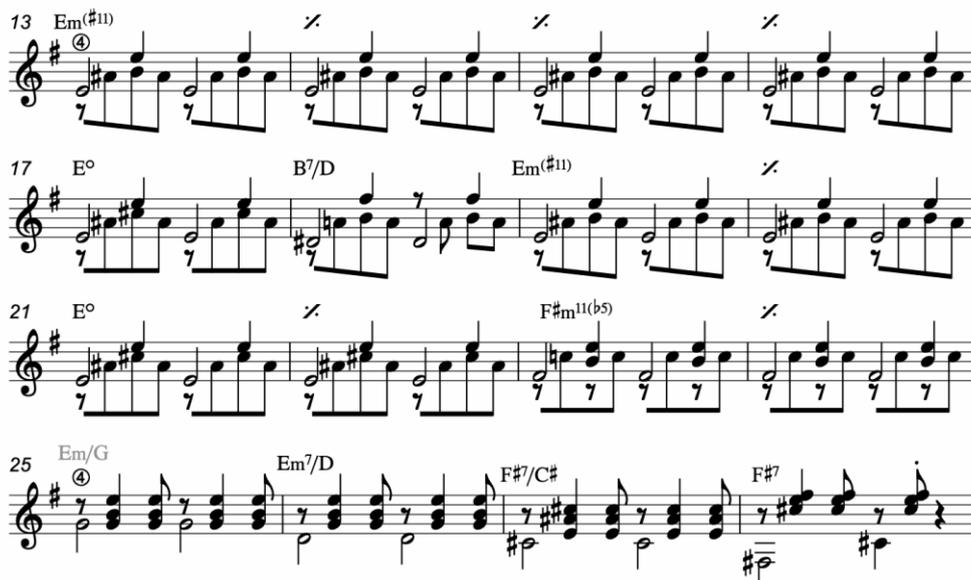
da música, que aqui aparece entre o Lá# 2 (4^a aumentada do acorde), tocado na 3^a corda, e o Si 2 (5^a do acorde) tocado na 2^a corda (Figura 5).

Figura 4 – O acorde introdutório



Fonte: Imagem pelo autor

Figura 5 – Acompanhamento do violão no Verso A



Fonte: Imagem pelo autor

Em dois momentos do fonograma, Paulinho faz uma levada no violão que remete ao choro. Isso ocorre ao final do Verso A e novamente ao final do Verso B, justamente nos dois pontos que precedem uma espécie de cadência harmônica suspensiva que termina no acorde de F#7, sinalizando o final do verso e o início do Interlúdio (Figura 5, compasso 25). O Interlúdio apresenta uma mudança rítmica na levada da música, marcada pelo fraseado do violão em tercinas (Figura 6). Esta parte exibe dois acordes em paralelismo cromático com 11^a aumentada, Cmaj7(#11) e Am(#11), ambos com o trítone em evidência (Figura 6). A sequência se encerra com uma espécie de resolução da dissonância que acontece com a descida do Dó 3 do Cmaj7(#11) para Si 2, que nos leva novamente ao acorde inicial da canção, Em(add9)/B.



Figura 6 – Acompanhamento do violão nos Interlúdios

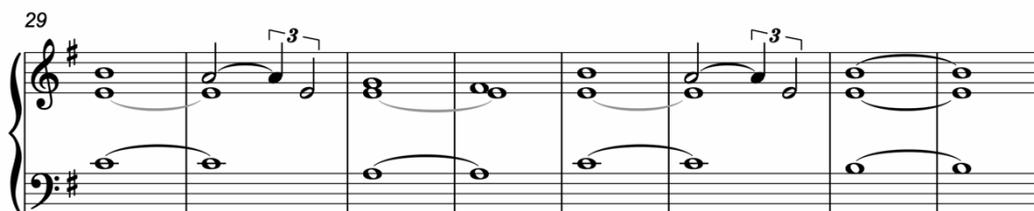
Fonte: Imagem pelo autor

Como Flávio Mendes demonstra em sua análise do arranjo da canção, em vídeo do no seu canal de YouTube, o arranjo de cordas, escrito por Lindolfo Gaya, se baseia nas notas tocadas pelo violão de Paulinho (MENDES, 2021). No arranjo original, as cordas só aparecem na Introdução, nos dois Interlúdios, ao final do Verso C e na Coda. A melodia das cordas na introdução (Figura 7) não se repete ao longo da canção e é montada em cima das quatro notas do acorde introdutório (Si, Mi, Fá#, Sol), com a inclusão da nota Ré como passagem e suporte harmônico. Já o tema tocado pelas cordas nos dois interlúdios é exatamente o mesmo nas duas vezes, sendo o segundo, portanto, uma repetição literal do primeiro (Figura 8). Um fragmento desta mesma melodia das cordas no interlúdio reaparece na Coda, com as notas da voz principal tocadas uma oitava acima (Figura 9).

Figura 7 – Melodia das cordas na Introdução

Fonte: Imagem pelo autor

Figura 8 – Melodia das cordas nos Interlúdios



Fonte: Imagem pelo autor

Figura 9 – Melodia das cordas na Coda



Fonte: Imagem pelo autor

4. Considerações finais

Em 2019, no ano do aniversário de 50 anos de *Sinal Fechado*, a página oficial de Paulinho da Viola no Facebook compartilhou uma série de imagens retratando a letra da música como uma conversa de WhatsApp.¹ A brincadeira mostra como a música mantém seu caráter universal e atemporal, visto que consegue ser adaptada para diferentes momentos históricos, servindo de analogia, neste caso, para a superficialidade da comunicação corriqueira na contemporaneidade através da tecnologia. Hoje com 81 anos, Paulinho continua a apresentar a canção em quase todos os seus shows,² fato que indica o quanto a música permanece importante na carreira do cantor/compositor, mesmo não se tratando de um samba ou um choro, como a maior parte da obra pela qual ele é conhecido.

Propõe-se que, em trabalhos futuros, seja transcrito e analisado o arranjo da música tocado por Paulinho da Viola ao vivo com sua banda, que difere do original. Nesta versão,³ as melodias originalmente tocadas pelas cordas são executadas pelos sopros e piano, além de

¹ Post do Facebook: "Há 50 anos, a música Sinal Fechado [...]", 15 set. 2019. Disponível em: <https://zh-cn.facebook.com/paulinhodaviolaoficial/posts/690768724773984/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

² Informações do site *Setlist.fm*. Disponível em: <https://www.setlist.fm/setlists/paulinho-da-viola-bd6e18a.html>. Acesso em: 9 dez. 2023.

³ *Paulinho da Viola - Live*. Globoplay. 28 nov. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/paulinho-da-viola-live/t/nCY8WcWPYX/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

serem introduzidas na canção novos elementos, como uma dramática sequência de baixo e bateria que precede a Coda da música. É importante que a música de Paulinho da Viola seja mais documentada e estudada na academia, visto que ainda há relativamente poucas pesquisas acerca de sua obra, quando comparada às de outros compositores populares de sua geração.

Referências

- CALADO, Carlos. *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras: O sentido da tradição em Paulinho de Viola*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Os sentidos da Tradição*. Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 de setembro de 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121978947430223113883825169264384783123.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- JERÔNIMO, Isabel Cristiane. O uso do clichê e da função fática da linguagem em Sinal Fechado. *Revista Multidisciplinar da Uniesp - Saber Acadêmico*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 24-32. Jun. 2010.
- MÁXIMO, João. *Paulinho da Viola: sambista e chorão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- MELLO, Zuzana Homem de. *A Era dos Festivais – Uma Parábola*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MENDES, Flávio. *Sinal Fechado, Paulinho da Viola - O ARRANJO #41*. YouTube, 26 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hLegsLQCm4M&ab_channel=FlavioMendes. Acesso em: 19 dez. 2023.
- O Fim da Era: De “Sinal Fechado” a “Fio Maravilha”*. Noites de Festival. Direção: Renato Terra, Ricardo Calil. Brasil: Canal Brasil. 2020. Temporada 1, ep. 6. Série exibida pela Globoplay.
- SINAL FECHADO. VIOLA, Paulinho da (compositor). Paulinho da Viola. *Paulinho da Viola*. Rio de Janeiro: Odeon, 1969. Compacto. 3min3s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6rnJTPj19_A&ab_channel=PaulinhodaViola-Topic. Acesso em: 9 dez. 2023.
- TATIT, Luiz. *O Cancionista: Composição de Canções no Brasil*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- TAVARES, Bráulio. *Contando histórias em versos; Poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.

VANNUCHI, Camilo. *Paulinho da Viola comemora 50 anos de "Sinal Fechado" e repudia novo AI-5*. Uol, 5 dez. 2019. Disponível em: <https://camilovannuchi.blogosfera.uol.com.br/2019/12/05/paulinho-da-viola-comemora-50-anos-de-sinal-fechado-e-repudia-novo-ai-5/> . Acesso em: 19 dez. 2023.

VIOLA, Paulinho da. *Paulinho da Viola: "Eu não vivo no passado, o passado vive em mim."* Entrevistadores: Arley Pereira, Elifas Andreato, Janaina Abreu e João Rocha. Brasil: Almanaque de Cultura Popular, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://almanaquebrasil.com.br/files/personalidades-musica/8628-paulinho-da-viola/> . Acesso em: 19 dez. 2023.

VIOLA, Paulinho da. *Paulinho da Viola: "O samba não acabou só porque o povo não deixou"*. Entrevistadora: Martín, Maria. Brasil: El País, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/20/cultura/1453323851_134690.html . Acesso em: 9 dez. 2023.

VIOLA, Paulinho da. *Há 50 anos, a música Sinal Fechado [...]*. Rio de Janeiro, 15 set. 2019. Facebook: Paulinho da Viola. Disponível em: <https://zh-cn.facebook.com/paulinhodaviolaoficial/posts/690768724773984/> . Acesso em: 9 dez. 2023.

VIOLA, Paulinho da. *Paulinho da Viola - Live*. Globoplay. 28 nov. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/paulinho-da-viola-live/t/nCY8WcWPYX/> . Acesso em: 9 dez. 2023.